





1. Students at private university Estácio  
 2. SENAI provides formal training for specialised workers for industry  
 3. Higher education has become key for young Brazilians  
 4. SESC provides education that would otherwise be unavailable for millions of Brazilians  
 5. The Ayrton Senna Institute creates opportunities for young people | Photo: Rodrigo Camara  
 6. The futuristic Etec Heliópolis in Sao Paulo

# Time for an education revolution

**OVERVIEW** Successive governments have failed to address Brazil's most urgent structural needs. Today, as this young democracy finds its voice, the government is being forced to listen and take action. With the better life Brazilians seek dependent on better education for all, does the country have what it takes to build a better future?

Brazil is shifting awkwardly in the glare of international scrutiny. Where once the government was able to deflect or divert unwanted attention, running from the demands of a challenging reality is no longer an option and popular protests have become commonplace. In response to this, President Dilma Rousseff's second term in office began with a new look cabinet and the admission that difficult times were ahead, questions would be asked and sacrifices would have to be made if the country was to get back on track. This was an honest self-assessment from a president who had inherited enviable approval ratings from her predecessor Luiz Inacio 'Lula' da Silva, only to see them gradually diminished to a narrow election victory last year. The glow of a vigorous economy has similarly dimmed in recent years as evidence

piled up of an unsustainable, heavily subsidised boom that masked the country's underlying problems. The headlines haven't all been bad. Education was at last placed on top of the agenda during the election campaign, with a promise to include another 12 million children

include another 12 million children currently outside of the school system over the next four years. Meanwhile, unemployment fell to a record low of 4.3 percent in December 2014, although productivity is also falling after a meagre 13 percent improvement over the last decade. Ranked 126th out of 183 countries for ease of doing business, Brazil's competitive edge remains severely blunted by bureaucracy. "The World Bank highlighted Brazil as one of the worst countries to do business in, but we are making some dramatic changes", said small business secretary Guilherme Afif Domingos. "We are going to jump from the Middle Ages straight to the digital era." The urgency to make that jump lies in a worrying skills gap pointing to critical shortcomings in the education sector. According to a

survey by global employment agency Manpower, 68 percent of employers in Brazil have experienced difficulty in recruiting the right workforce. While ministers promise to bring the time it takes to open a company down from 150 days to just five, recruiting sufficiently skilled labour is the next hurdle. Historically speaking, when a game-changing solution has been required, Brazilian creativity has shone through. In adapting sugar cane, cattle or the humble soybean to the tropical environment, or developing the means to drill for oil deeper and further offshore than ever before, the country has grown to become a world leader in research and production. The next stage is to go beyond self-sufficiency to adding value at home before selling to the international market. "Maybe Brazil's problem isn't creating entrepreneurs but rather turning innovative ideas into solid technology within a system that is outdated", points out Bernardo Gradim, CEO of the the country's pioneering ethanol company GranBio. Already the seventh-largest economy in the world, Brazil has the ingredients to become a fer-

tile ground in which entrepreneurialism, for so long stymied by introverted and protectionist administrations, can flourish, both within and beyond its borders. Today, the country is starting to make deep, far-reaching changes to its saturated consumption-based model in order to progress and fulfil its potential as a global economic force. Brazil's dream of becoming the much-vaunted centre of innovation and technology in the southern hemisphere finally looks within reach. To achieve that dream, however, the education sector needs solutions on a continental scale that successive administrations have failed to deliver. With state investment promising to reach 10 percent of GDP by 2023, the funds are finally available to extend the reach of education, narrow the inequality gap and shape the next generation of Brazil's citizens and entrepreneurs.

**VIEWPOINT**



**"Freedom and social democracy were not enough any more. The people needed efficiency too, not only in public services, but also in politics."**

Michel Temer  
 Vice-president of Brazil



**Preparing for success**

Brazil's workforce is fundamental to its companies' drive for competitiveness, but a culture of undervaluing staff has plagued big companies for decades. The resulting high turnover has had a drastic impact on efficiency and productivity. Multinationals

report having to spend up to 40 percent more on HR in Brazil, while the retail sector experiences turnover rates of up to 56 percent. One company, however, is bucking the trend. Grupo Pao de Acucar is the retail group behind some of the country's biggest

high street stores. Strong company values and investment in the training and education of their 160,000 employees has paid dividends. Staff turnover is down to 36.5 percent, paving the way for the rest of the sector to follow.

## Tradução do Suplemento:

Tempo de revolução na Educação.

Sucessivos governos têm fracassado na tentativa de resolver os problemas mais urgentes do Brasil. Hoje, com os milhares de jovens participando de manifestações, saindo às ruas para demonstrar o descontentamento, o governo se vê forçado a ouvir e tomar alguma atitude. Com uma condição melhor de vida, os brasileiros estão em busca de uma educação melhor para todos, mas será que o país pode oferecer o que eles precisam para construir um futuro melhor?

Segundo uma análise internacional, o Brasil está tomando um rumo inadequado. Antes o governo até conseguia esconder ou disfarçar certas ações, fugindo do desafio de uma nova realidade, mas agora não é mais uma questão de opção e os protestos estão se tornando cada vez mais frequentes. Em resposta, a Presidente Dilma Rousseff, no seu segundo mandato, está fazendo algumas mudanças no ministério, admitindo que tempos difíceis estão por vir, o que exigirá muita renúncia para fazer com que o país volte ao rumo certo.

Esta foi uma auto avaliação de uma presidente que herdou invejável nível de aprovação de seu antecessor, Luiz Inácio "Lula" da Silva, apenas para vê-los cair gradualmente ano passado, vencendo as eleições de forma acirrada. O brilho de uma economia forte e eficaz também vem desaparecendo nos últimos anos, como evidência de um país em crise.

Mas o panorama não é de todo ruim. Pelo menos a educação foi posta no topo da agenda durante a campanha eleitoral. Foi criado um plano de longa duração para reconstruir o sistema educacional do país, prometendo fazer com que outras doze milhões de crianças atualmente fora das escolas voltem a estudar dentro dos próximos quatro anos. Entretanto, o nível de desemprego caiu a um nível de 4.3% em dezembro de 2014, embora o nível de produtividade também esteja em baixa, após uma ínfima melhora de 13% nos últimos dez anos.

Dentre 183 países, o Brasil ficou em 126 lugar no ranking de países com oportunidades de negócios, a situação do Brasil continua gravemente comprometida pela burocracia. O Banco Mundial apontou o Brasil como um dos piores países para fazer negócio, mas estamos fazendo mudanças enérgicas com relação a isso, disse Guilherme Afif Domingos, secretário de pequenas empresas "Daremos um salto da Idade Média diretamente para a era digital".

A urgência desse salto leva a uma preocupante brecha no setor da educação. De acordo com uma pesquisa realizada pela agência de empregos Manpower, 68% dos empregadores no Brasil tem dificuldade para encontrar um bom funcionário. Enquanto ministros prometem reduzir de 150 para 5 dias o tempo de espera que leva para abrir uma empresa, contratar mão de obra qualificada continua sendo um obstáculo.

Historicamente falando, quando há uma necessidade de virar o jogo, a criatividade dos brasileiros impera. Seja tirando proveito da cana de açúcar ou da soja ou encontrando petróleo, o país vem crescendo para se tornar líder de pesquisa e produção. O próximo passo será ir além da autossuficiência para o mercado internacional. "Talvez o problema do Brasil não esteja em criar empreendedores, mas sim fazer com que ideias inovadoras virem tecnologia dentro de um sistema que atualmente encontra-se

obsoleto", sinaliza Bernardo Gradim, Presidente da Granbio, empresa precursora do etanol no país.

Como a sétima maior economia do mundo, o Brasil tem todos os ingredientes para se tornar um solo fértil no qual o empreendedorismo, até então impedido por administrações absortas e protecionistas possa florescer. Atualmente o país está fazendo sérias mudanças no seu modelo de consumo, visando desempenhar seu papel como uma poderosa econômica mundial. O sonho do Brasil em se tornar um centro de inovação e tecnologia do hemisfério sul finalmente está virando realidade.

No entanto, para alcançar este sonho, o setor da educação necessita de escalas de grandes proporções que administrações anteriores não conseguiram chegar. Com a promessa de investimentos chegando a 10% do BIP em 2023, os fundos finalmente serão capazes de alcançar um nível de educação, diminuir a desigualdade e dar condições para a próxima geração de cidadãos e empreendedores brasileiros.